

# A VARÍOLA COMO PERSONAGEM NO CONTO *A PESTE*, DE JOÃO DO RIO<sup>1</sup>

## THE SMALLPOX AS CHARACTER IN THE SHORT STORY *A PESTE*, BY JOÃO DO RIO

---

Pablo Lemos Berned<sup>2</sup>  
Sabrina Ferraz Fraccari<sup>3</sup>

---

**RESUMO:** O objetivo deste artigo consiste em indicar aspectos que reconheçam o papel que a varíola desempenha como personagem no conto *A peste*, parte do livro *Dentro da noite* (1910), de João do Rio. A presença da varíola e sua proliferação cada vez mais intensa no cenário carioca transformam as personagens do conto. Essa mudança provoca, inclusive, uma abrupta mudança de narrador, decorrente da influência que a doença exerce no protagonista. Para a realização da análise, recorreremos a fundamentos do modelo de análise estrutural da narrativa (BARTHES, 2008; ECO, 1994; GREIMAS, 2008; e TODOROV, 2008, 2011), em que foram consideradas a ordem cronológica das ações, a quebra de expectativas das personagens e a submissão das personagens e do espaço à doença.

**Palavras-chave:** Conto brasileiro. *Dentro da noite*. Doença. Epidemia. Expectativas.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to indicate the aspects that recognize the role that smallpox play as a character in the short story *A peste*, part of the book *Dentro da noite* (1910), by Joao do Rio. The presence of smallpox and its proliferation more intense each time in Rio de Janeiro's scenery modify the characters of the story. That alteration causes an abrupt change in the narrator by the influence the disease has in the protagonist. To the realization of this study, we use the principles of structural analyses model of narrative (BARTHES, 2008; ECO, 1994; GREIMAS, 2008; and TODOROV, 2008, 2011), in which were considered the chronological order of actions, the break of characters' expectations and the submission of characters and space to the disease.

**Keywords:** Brazilian short story. *Dentro da noite*. Disease. Epidemy. Expectations.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 16 de setembro de 2016 e aceito em 7 de novembro de 2016. Texto orientado pelo Prof. Dr. Pablo Lemos Berned (UFFS). Este trabalho contou com o apoio do PRO-ICT (UFFS).

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Literários. Professor do Curso de Letras da UFFS.  
E-mail: pablo.berned@uffs.edu.br

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Letras da UFFS.  
E-mail: ferrazsabrina13@gmail.com



## INTRODUÇÃO

O conto *A peste* faz parte do livro *Dentro da noite*, do escritor carioca João do Rio (1881-1921). Lançado em 1910, o livro reúne 11 histórias que podem ser consideradas a “maior coleção de taras e esquisitices até então publicado na literatura brasileira” (RODRIGUES, citado em RIO, 2002, p. 12). Os contos que compõem o livro tratam de diversas deformações sensoriais e apresentam, em sua maioria, evidente teor erótico, em que a busca pelo prazer se constitui como elemento principal das narrativas. João do Rio, pseudônimo literário de João Paulo Alberto Coelho Barreto, foi jornalista, e além de *Dentro da noite*, publicou diversos contos, crônicas, algumas peças de teatro, os romances *A profissão de Jacques Pedreira* (1910-1913) e *A correspondência de uma estação de cura* (1917), e as obras não-ficcionais pelas quais geralmente é reconhecido, *As religiões no Rio* (1906) e *A alma encantadora das ruas* (1910).

O conto *A peste* acompanha a trajetória de dois amigos – Luciano e Francisco –, durante o surgimento e a evolução da epidemia de varíola, que assolou a cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX. A moléstia assume papel de extrema relevância na narrativa, a ponto de condicionar as atitudes tanto de Luciano, quanto de Francisco. Além disso, o conto apresenta uma mudança abrupta na voz narrativa, pois grande parte da narração é feita por Luciano, ao passo que, em determinado momento, sem demarcação de nenhum tipo, seja lexical ou por meio de sinais de pontuação, a narração passa a outra personagem.

Para a realização da análise, baseamo-nos em fundamentos do modelo de análise estrutural da narrativa, a partir dos os trabalhos de Tzvetan Todorov (2008) e Roland Barthes (2008). Também recorreremos à teoria de A. J. Greimas (2008) acerca das características que constituem as personagens e ao trabalho de Umberto Eco (1994) acerca dos planos narrativos e narradores.

## A PESTE

Uma epidemia de varíola - doença caracterizada por febre alta, mal estar, dores no corpo e, posteriormente, protuberâncias cheias de pus na pele - assolava a cidade do Rio de Janeiro. Os casos fatais chegavam, em média, a trinta por dia. Mesmo assim, Luciano Torres, narrador predominante do conto, insistia em ignorar a doença, afirmando que não havia necessidade de preocupação acerca da possibilidade da varíola vitimá-lo: “Para que pensar em males cruéis, nesses males que deformam o físico, roem para todo o sempre ou afogam a vida em sangue



podre?” (RIO, 2002, p. 149). Já Francisco Nogueira, seu grande amigo, temia tanto a doença que buscava se prevenir de todas as formas possíveis.

Sem contar a Luciano, Francisco decidiu fugir para o Morro do Corcovado, a fim de isolar-se, para tentar escapar da varíola – também conhecida popularmente como bexiga –, acreditando que lá a doença não o encontraria. Dias depois, Luciano foi informado que o amigo estava internado no hospital São Sebastião, pois havia sido infectado pelo vírus. Luciano fica apavorado com a possibilidade de encontrar Francisco com a aparência completamente transformada em decorrência da moléstia, mas mesmo assim decide ir até o hospital vê-lo.

Apavorado pela perspectiva do encontro com o amigo e com o medo que sentia em relação à doença, Luciano é recebido pelo diretor do hospital, que tenta convencê-lo a não ver o amigo, tentativa essa que não têm êxito, pois Luciano vai até Francisco e fica sem reação ao vê-lo. A face de Francisco parecia queimar por dentro e estalava em bolhas d’água e pus. Apavorado, Luciano decide sair do hospital o mais depressa possível e encontra aos prantos um amigo e colega seu, uma personagem que assume a narração da história somente no último parágrafo, dando ao leitor informações sobre o infeliz destino de Luciano Torres.

Esse narrador/personagem, que surge apenas no final do conto e de quem não se tem quaisquer outras informações, será doravante designada como **amigo-narrador**, justamente pelo fato de assumir a voz narrativa, após a impossibilidade de Luciano continuar com a narração. Tal impossibilidade surge justamente do fato de Luciano, ao final da narrativa, também tornar-se uma vítima da doença.

## LUCIANO TORRES

Para tentar caracterizar a personagem Luciano Torres, usaremos a categoria de repetição por gradação, sugerida por Todorov (2008). Para isso, seguiremos uma ordem cronológica, partindo do tempo presente da narração:

**Um mês antes** – é exatamente nesse período que se inicia o plano narrativo. Inicialmente, Luciano parece de fato não acreditar na epidemia, porém logo apresenta um indício de dúvida, pois questiona: “Para que pensar em males cruéis, nesses males que deformam o físico, roem para todo o sempre ou afogam a vida em sangue podre? Para que pensar?” (RIO, 2002, p. 149). Ou seja, Luciano sabe que há uma epidemia de varíola, porém, parece não querer aceitá-la



ou prefere não pensar no assunto, possivelmente por acreditar que, se ignorar a existência dessa epidemia, ela não o afete e nem a Francisco.

A observação do comportamento dos demais habitantes da cidade aparece como um dos argumentos de Luciano em uma tentativa de convencer a si próprio e também Francisco de que o aparecimento da varíola não era tão grave quanto acreditava Francisco: "Andamos todo o dia pelas ruas, vamos aos teatros. Qual varíola! Vê como toda gente ri e goza. Deixa de preocupações" (RIO, 2002, p. 149).

Todas essas tentativas são vãs, pois, após o encontro com Francisco no hospital São Sebastião, Luciano admite ao amigo-narrador que há sim uma epidemia de varíola assolando a cidade: "Há uma epidemia, oh! sim, há uma epidemia!" (RIO, 2002, p. 156).

**Uma a três semanas antes** – acontecimentos envolvendo Francisco também afetam Luciano de maneira decisiva. Francisco presencia o cortejo fúnebre de uma criança e fica transtornado, momento este que é decisivo para a trajetória dessa personagem, pois ele passa, a partir de então, a se perguntar quando ele e Luciano também se tornarão vítimas da doença, já que na perspectiva de Francisco, isso inevitavelmente acontecerá. Luciano se mostra cada vez mais convencido da existência da varíola, ainda que hesite em admitir sua preocupação.

**Dois dias antes** – Luciano é informado da doença de Francisco e decide ir até o hospital onde este estava. O caminho até o hospital e a espera para ver Francisco demandam o tempo necessário para que Luciano assumisse de vez seu pavor em relação à doença e, após o encontro com Francisco e a consequente visão do amigo completamente transformado, ele foge para encontrar-se com um amigo, a quem conta toda sua história e também assume de vez seu pavor em relação à presença da varíola: "(...) sim, há epidemia! E eu tenho medo, meu amigo, um grande, um desastrado pavor..." (RIO, 2002, p. 156).

**Ontem** – Por meio do amigo-narrador, somos – leitores – informados que Luciano foi transferido de seu elegante apartamento das Laranjeiras para o posto de observação porque também foi vitimado pela varíola.

É possível perceber que Luciano apresenta muita relutância em admitir que de fato há uma epidemia de varíola e que, provavelmente, ele também temia a epidemia, porém não queria assumir isso, talvez para proteger Francisco, que já estava tão transtornado, ou para não parecer sujeitado à força da doença. A progressiva piora de Francisco, primeiro em relação ao medo da varíola e depois ao tornar-se uma vítima dela, é decisiva para a mudança de comportamento apresentada por Luciano. Desse modo, é possível afirmar que Francisco apresentasse como a principal influência de Luciano, pois ao passo que aquele é cada vez mais assujeitado à doença, este, mesmo que não exteriorize, passa a apresentar uma preocupação cada vez maior com a varíola.



Observando as ações desta personagem no decorrer da narrativa e, inclusive, o modo como ele narra a história, se percebe que suas atitudes não correspondem com o que, de fato, estava sentindo naquele determinado momento. Desse modo, pode-se dizer que o comportamento de Luciano encaixa-se no que Todorov denominou “ser e parecer” (TODOROV, 2008, p. 234): Luciano tenta o tempo todo não demonstrar às demais personagens aquilo que realmente está sentindo, ou seja, ele comporta-se de modo a parecer não ter medo da varíola, mas na verdade tem medo, muito medo. Isso pode ser observado na caracterização das demais relações que ele apresenta com outras personagens:

a) Luciano com Francisco: inicialmente, por tentar ignorar que havia uma epidemia de varíola, Luciano parece assumir posição de superioridade em relação a Francisco, que temia a doença. Ao mesmo tempo, Luciano não queria, de modo algum, deixar transparecer ao amigo que também estava com medo.

Eu bem lhe dizia:

- Mas criatura, não tenhas medo. Andamos todos os dias pelas ruas, vamos aos teatros. Qual varíola! Vê como toda gente ri e goza. Deixa de preocupações.

De manhã, porém, nós líamos juntos, ao almoço, os jornais. Para que mentir? Havia, havia sim! A sinistra rebentava em purulências toda a cidade (RIO, 2002, p.149)

b) Luciano e o diretor do hospital: mesmo tremendo, Luciano não queria demonstrar que estava com medo de ver Francisco, pois, ao mesmo tempo em que queria ver o amigo, sentia medo de vê-lo modificado pela doença. Porém, esforça-se para que isso não transpareça ao diretor do hospital: “Que me viriam dizer? E ao mesmo tempo, o desejo de encobrir tamanha emoção forçava-me a fingir um sorriso, a dizer mundanamente coisas frívolas ao homem cujos bons olhos tinham tanta piedade” (RIO, 2002, p. 153).

c) Luciano e o amigo-narrador: é a única personagem que sabe tudo o que aconteceu com Luciano, ou pelo menos, tudo aquilo que ele decidiu contar. Mesmo assim, é a única personagem que sabe do verdadeiro pavor que Luciano apresenta em relação à doença, é o único que recebe as confidências de Luciano: “E Luciano Torres, após a narrativa caiu-me nos braços a soluçar” (RIO, 2002, p. 156). Assim sendo, o amigo-narrador é a única personagem que concede a confiança necessária a Luciano para que este possa contar-lhe tudo o que realmente se passa com ele, se convertendo, assim, em uma espécie de confidente de Luciano.



Luciano narra a sua própria história que, no entanto, é abruptamente interrompida. Semelhante situação é analisada por Umberto Eco (1994), em *Seis passeios pelo bosque da ficção*, quando o autor reflete sobre as questões de narração em *O relato de Arthur Gordon Pym*, de Edgar Allan Poe. Nesse romance, Pym está presente tanto no plano da narração quanto no plano da narrativa, pois é o protagonista da história narrada por ele mesmo. Entretanto, sua narração é interrompida, seguindo-se uma nota justificando isso devido à perda de alguns capítulos que ficaram com Pym, que agora estava morto.

No caso de *A peste*, ao passo em que Luciano Torres interrompe sua narração, após admitir que temia a varíola, o narratário de até então assume a voz narrativa para informar ao leitor que Luciano, até aquele momento, narrador e personagem, fora conduzido ao hospital. Essa mudança na voz narrativa que ocorre na história provoca um sentido de impotência de Luciano, que possivelmente não suportaria prosseguir a narração da história por contraditoriamente não admitir a ameaça da varíola e acabar sendo uma de suas vítimas. E, como a única personagem a quem Luciano confiou o seu relato era justamente o amigo mencionado, este assume a responsabilidade de informar aos leitores o destino de Luciano após o seu silêncio.

## EXPECTATIVAS

Luciano e Francisco apresentam algumas expectativas que, no decorrer da história, tendem a não se confirmar. A partir desse pressuposto, podemos observar as expectativas de ambos nos esquemas abaixo:

<b>EXPECTATIVA DE FRANCISCO</b>	<b>EXPECTATIVAS DE LUCIANO</b>
a) Não se tornar vítima da varíola.	a) Confirmar que não há epidemia. b) Ver Francisco exatamente como era. c) Não se tornar vítima da varíola.

Figura 1: Expectativas apresentadas pelas personagens Francisco e Luciano a partir da aparição da varíola.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Tabela elaborada pelos autores deste artigo.



Como já afirmado, essas expectativas não se confirmam:

### **Expectativa de Francisco:**

a) "Não se tornar vítima da varíola": pelo fato de haver um distanciamento entre Francisco e o leitor, foi possível identificar apenas esta expectativa relacionada a ele. E, assim como acontece com Luciano, essa possibilidade não é confirmada e Francisco contrai varíola: "O Francisco abalara para o Corcovado, uma noite, sem me falar, sem me dar um abraço, e de repente naquela manhã, hoje, sabia por meio de nota que ele estava no S. Sebastião, com bexiga também, talvez morto!" (RIO, 2002, p.150).

### **Expectativas de Luciano:**

a) "Confirmar que não há epidemia": observando a preocupação de Francisco, os acontecimentos com as demais pessoas, a doença do amigo e o modo como este se encontra após a contrair o vírus, Luciano acaba por convencer-se de que realmente há sim uma epidemia de varíola.

b) "Ver Francisco exatamente como era": após ser informado sobre a doença de Francisco, o que Luciano mais desejava era ver o amigo como este sempre foi: belo fisicamente. Essa expectativa se desfaz no momento em que Luciano vê Francisco no hospital, completamente modificado pela doença: "Eu tinha diante de mim um monstro. As faces inchadas, vermelhas e em pus, os lábios lívidos, como para rebentar em sânie. Os olhos desapareciam meio aprofundados em lama amarela, já sem pestanas e com as sobrancelhas comidas, as orelhas enormes" (RIO, 2002, p. 155).

c) "Não se tornar vítima da varíola": depois de ver Francisco no hospital, Luciano passa a também a temer a varíola e, obviamente, a desejar não ser uma de suas vítimas. Porém, novamente as expectativas de Luciano não se confirmam, e ele acaba doente: "Ontem vieram dizer-me que Luciano Torres, meu amigo e colega (...). Está com varíola" (RIO, 2002, p.156).

A partir das expectativas de ambos, é possível afirmar que a narrativa apresenta uma repetição de comportamentos, pois tanto Luciano quanto Francisco têm como expectativa "não se tornar vítima da varíola". Primeiro Francisco, que inicia o conto preocupado em não contrair a doença e, por fim, Luciano, que admite ter muito medo de contrai-la. Dessa forma, temos uma personagem que inicia a narrativa negando temer a doença, e outra que desde o início demonstra uma excessiva preocupação com ela.



Ao passo que Francisco, no início da narrativa, admite que há uma epidemia e tanto a teme que tenta várias formas de se prevenir, Luciano sequer aceita pensar sobre a doença. Ele busca se amparar no comportamento das demais pessoas para tentar comprovar que não havia motivos para preocupação: “Qual varíola! Vê como toda a gente ri e goza. Deixa de preocupações” (RIO, 2002, p. 149). Porém, com a leitura diária dos jornais, Luciano passa a admitir que há sim uma epidemia, enquanto o pavor de Francisco aumentava a cada nova: “Há uma semana, indo por uma rua de subúrbio encontrou com gritos e imprecações um bando de gente que arrastava ao sol um caixão. Era uma pobre família levando à igreja o cadáver de uma criança em holocausto, para que Deus tivesse piedade e misericordiosa. A impressão prostrou-o. chegou em casa ainda mais assustado” (p. 150).

O crescente medo de Francisco, que gradativamente se transforma em pavor, afeta Luciano, e faz com que ele, antes relutante em admitir a existência de uma epidemia de varíola, passa a buscar informações acerca da doença: a forma de contágio, os sintomas, etc. Enquanto Luciano começa a preocupar-se um pouco mais com a presença da varíola, Francisco toma uma atitude extrema: decide fugir para o Morro do Corcovado acreditando que lá a doença não o encontraria. Após a fuga, a informação seguinte sobre essa personagem é que ela tornou-se uma vítima da doença. Tal fato apresenta-se como decisivo para Luciano, que já admitia a ameaça da doença, e a partir de então passa também a temê-la, principalmente depois de ver Francisco com a fisionomia completamente distorcida. Após ver Francisco, Luciano admite que há uma epidemia de varíola e que ela pode sim vitimar-lhe, assim como fez a Francisco. Tanto pode como o faz e, ao final da narrativa, somos informados que Luciano fora conduzido ao posto de observação, uma vez que estava com varíola.

## A VARÍOLA COMO PERSONAGEM

Com a não confirmação de nenhuma das expectativas das personagens e sendo todas elas relacionadas diretamente à varíola, é possível afirmar que a doença se coloca em posição de destaque na história. É a varíola quem detém o poder, quem decide o futuro de Luciano e Francisco. O próprio Luciano comenta sobre o poder da doença: “Ela não respeita idade, passa a foice purulenta em tudo, está lá reinando, fora, no jardim, entre as árvores, morro acima” (RIO, 2002, p. 152). Além deste comentário de Luciano, o título do conto também corrobora para a importância da varíola na história: *A peste*, logicamente fazendo referência à doença. É ela quem condiciona toda a história, pois é a partir de sua ascensão que as vidas de Luciano e Francisco se modificam de forma irreversível.



Diante disso, conforme propôs A. J. Greimas, deve-se “descrever e classificar os personagens da narrativa, não segundo o que são, mas segundo o que fazem” (GREIMAS, citado em BARTHES, 2008, p.45). Desse modo, a varíola pode ser considerada uma personagem na história, pois, se esta é caracterizada pelas ações que apresentam, a varíola, em uma posição ativa, como sujeito das ações, é a responsável por desencadear toda a narrativa. O fato de se apresentar como o elemento desencadeador da narrativa e de interferir irreversivelmente nas trajetórias das demais personagens demonstra a importância assumida pela doença na história.

Observando os verbos referentes a Francisco, logo no início da narrativa, percebe-se que eles estão no pretérito imperfeito, o que indica que tais ações foram prolongadas ou repetidas, mas não indica quando as mesmas iniciaram, nem quando acabaram: “E Francisco, (...) **pensava** todo o dia, **lia** os jornais, **tomava** informações” (RIO, 2002, p.149, ênfase acrescentada). Desse modo, é possível inferir que a preocupação de Francisco com a doença é anterior ao início do plano da narrativa, ou seja, a varíola já o preocupava a mais de um mês, pois o plano da narrativa inicia-se um mês antes de Luciano contar sua história ao amigo-narrador.

Francisco modifica toda sua rotina para prevenir-se da doença, e o próprio Luciano, a partir da leitura dos jornais que, sem dúvidas, traziam informações sobre o que estava acontecendo na cidade devido à ação da varíola, admite, pela primeira vez, que a doença realmente estava presente. Aquela despreocupação que Luciano insistia adotar em todos os lugares que frequentava não passava de uma invenção sua, uma mentira que ele criou para convencer a si mesmo que não havia necessidade de alterar seu modo de vida, seus hábitos ou seu comportamento.

A cada novo acontecimento envolvendo a doença, Francisco ficava mais preocupado e até, pode-se dizer, desesperado: “Estamos perdidos. É impossível lutar. Ela está aí (...). Quando chegará a nossa vez?” (RIO, 2002, p. 149-150). Ou seja, Francisco já admitia a possibilidade de ambos tornarem-se vítimas da doença. Em sua tentativa desesperada de escapar da varíola, como já mencionado, Francisco fugiu para o Corcovado, porém, não obteve o sucesso esperado e tornou-se vítima da varíola, sendo internado no hospital São Sebastião, o que fez com que Luciano tivesse que se deslocar até lá para vê-lo.

É justamente essa ida ao hospital que deixa Luciano completamente apavorado, mesmo com ele tentando disfarçar seu medo dizendo que “a cidade estava tão alegre, tão movimentada, tão descuidosa” (RIO, 2002, p. 150). Porém, logo ao tomar o bonde para ir até o hospital, a sensação de morte, de angústia, começou a tomar conta, e aquela cidade alegre deu lugar a um mar que parecia traduzir todo o horror que Luciano sentia da doença: “O mar é um vasto



coalho de putrefações, de lodo que se bronzeia e se esverdilha em gosmas reluzentes na praia morta” (p. 150-151).

O funcionamento do hospital também estava completamente alterado graças à ação da varíola, nas palavras do diretor do hospital: “Tenho presentemente no hospital setecentos e vinte doentes desde a varíola hemorrágica, que mata em horas até a bexiga branca, que nem sempre mata. Já não há lugares. Nunca S. Sebastião esteve assim. Mande construir à pressa mais dois pavilhões” (RIO, 2002, p. 152). E as pessoas que, cerca de um mês atrás, riam e gozavam, agora se encontravam desnorteadas dentro daquele hospital: “Há mulheres pálidas e desgrenhadas que esperam novas dos seus doentes, há velhos, há homens de face desfeita, uma série de caras em que o mistério da morte, lá fora, entre as árvores, incute um apavorado respeito e uma sinistra revolta” (p. 151). Esse “mistério da morte” foi instaurado pela varíola, a grande detentora do poder, aquela que decide quem morre e quem sobrevive. Todos, sem exclusão, estão sujeitos a sua ação, inclusive Luciano que, após descobrir que estava com varíola, necessitou deixar seu “elegante apartamento das Laranjeiras” (p. 156), para ser internado.

Observando o emprego de palavras do mesmo campo semântico ao longo da narrativa, é possível afirmar que a presença da varíola na história transforma o espaço em um cenário de desolação, pois a situação se configura como uma espécie de embate entre a doença e as demais personagens da narrativa. Os aspectos da cidade que são ressaltados por Luciano no decorrer da narração caracterizam esse cenário de guerra. Logo no início da narração, ele comenta sobre o movimento dos automóveis e das pessoas pela cidade: “(...) o movimento sinistro das carrocinhas e dos automóveis **galopando** e **correndo** pela rua de mau piso, (...) a sinistra galeria de caras de choro que os meus olhos vão vendo, põe-me no peito um apressado bater de coração e na garganta como um laço de medo” (RIO, 2002, p. 148, ênfase acrescentada). As palavras grifadas dão a ideia de movimento, um movimento brusco que corrobora com a ideia de batalha.

Ao tomar o bonde para ir até o hospital onde Francisco estava, Luciano depara-se com essa atmosfera de horror que as guerras costumam causar: “Tomei o tranway quase tranquilo. Mas ali, tudo indica a morte, a angústia, o horror (...)” (RIO, 2002, p. 150). No hospital, Luciano sente um ar de tristeza, principalmente por parte daqueles que perderam seus entes queridos. É como quando, em outro momento, Francisco afirma: “Estamos perdidos. É impossível lutar” (p. 149), dando a entender que a varíola seria um inimigo que seria impossível combater. Essa desistência por antecedência corrobora a ideia de que a varíola apresenta um poder desproporcional, como que onipresente no espaço do conto e visível pelas chagas que transfiguram os corpos dos doentes, dos sobreviventes e dos cadáveres.



Os aspectos que, por sua vez, caracterizam o cenário de desolação e horror que a cidade apresenta são apontados por Luciano sempre em ambientes abertos, lá fora, longe, porém nem tanto de onde ele se encontra. É como se a varíola estivesse à espreita, esperando o momento certo de atacar: "(...) o mistério da morte, lá fora, entre as árvores, incute um apavorado respeito e uma sinistra revolta" (RIO, 2002, p. 151). Porém, logo essa atitude passiva dá um lugar a uma atitude ativa, quando a varíola ataca e assume de vez o poder, decidindo quem morre e quem sobrevive com as feições completamente distorcidas: "Ela não respeita idade, passa a foice purulenta em tudo, está lá reinando, fora, no jardim, entre as árvores, morro acima" (p. 152). Ou seja, a derrota prevista por Francisco toma corpo neste momento, e a guerra que se configurava tem o seu vencedor, isto porque tanto Francisco quanto Luciano tornam-se vítimas da doença. Com isso, a varíola impõe seu poder de decisão e não poupa nenhum dos dois.

Desse modo, pelo fato de a doença modificar completamente a rotina e, posteriormente, a vida de Luciano e Francisco, e também das demais personagens, a cidade e também o hospital, a varíola apresenta-se como uma personagem da narrativa, agindo de modo a modificar completamente a trajetória e as estruturas daquilo/ daqueles que a cerca(m).

## CONCLUSÃO

A partir da escolha do objeto de pesquisa, foram delimitadas algumas questões suscitadas pela leitura do texto, relacionadas a aspectos do plano da narração e do plano da narrativa, sobretudo ao papel que a varíola representava na história e ao modo como sua presença interferiu nas trajetórias das demais personagens. Além disso, foi observada uma mudança na voz narrativa, que foi a motivação inicial para a escolha do objeto de análise, pois, em sua maior parte, a história é narrada em primeira pessoa. Porém, em determinado momento, ocorre uma mudança na voz narrativa, e a história passa a ser narrada por uma nova personagem.

Tal mudança tem relação direta com a presença da varíola na narrativa, pois foi o fato de Luciano Torres, narrador predominante do conto, tornar-se uma vítima da doença, que o impossibilitou de continuar a narração, passando, justamente por esse motivo, a voz narrativa ao amigo-narrador. Esse fato corrobora com a hipótese de a varíola ser uma personagem na narrativa, e, a partir da teoria de A. J. Greimas (2008), foi possível afirmá-la como uma personagem, pois foi no momento em que esta surgiu e ganhou força, que as demais personagens tiveram suas trajetórias completamente modificadas, principalmente por acabarem tornando-se vítimas da doença.



## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa In: \_\_\_\_\_ *et al. Análise estrutural da narrativa*. 5. ed. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 19-62.

ECO, U. Entrando no bosque. In: \_\_\_\_\_. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 7-31.

GREIMAS, A. J. Elementos para uma teoria da interpretação da narrativa mítica. In: BARTHES, R. *et al. Análise estrutural da narrativa*. 5. ed. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 63-113.

RIO, J. do. *Dentro da noite*. São Paulo: Antíqua, 2002.

RODRIGUES, J. C. Prefácio. In: RIO, J. do. *Dentro da noite*. São Paulo: Antíqua, 2002, p. 11-15.

TODOROV, T. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, R. *et al. Análise estrutural da narrativa*. 5. ed. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 218-264.

\_\_\_\_\_. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leila Perrone Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.

